

ÍMPETO DISCURSIVO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA MUCKER

Haike Roselane Kleber da Silva¹

Resumo: O artigo analisa o discurso de Karl von Koseritz, narrador pioneiro da história do movimento Mucker ocorrido nos idos de 1873/74 aos pés do morro Ferrabraz, no atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul. Os textos produzidos por este jornalista se encontram nos jornais *Deutsche Zeitung* e *O Rio-Grandese* e no almanaque *Koseritz Kalender*. É característico desse discurso a paixão, a eloquência e a vivacidade narrativa, construindo uma verdade mítica em cima “do que se ouviu falar”. O que Koseritz escreve é a base da memória do movimento Mucker, fonte da qual os discursos posteriores irão beber.

Palavras-chave: Karl von Koseritz; Mucker; discurso; memória.

DISCURSIVE MOMENTUM IN THE NARRATIVE MUCKER CONSTRUCTION

Abstract: The article analyses Karl von Koseritz's speech, pioneer narrator of the Mucker movement occurred back in 1873/74 at the feet of Ferrabraz hill in the current Sapiranga City, Rio Grande do Sul state. The texts produced by this journalist are found in the *Deutsche Zeitung* and *O Rio-Grandese* and in the *Koseritz Kalender* almanac. The passion, eloquence and narrative vividness are characteristics of this discourse, constructing a mystic truth based on the “what was heard about”. What Koseritz writes is the basis of the Mucker movement memory, fountain from which the later speeches will drink.

Keywords: Karl von Koseritz; Mucker; discourse; memory.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991), mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Foi bolsista pós-doutorado júnior da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2006/2 a 2007/1). Tem experiência com pesquisa histórica, com ênfase em História Imigrante, trabalhando questões como a identidade étnica e o associativismo imigrante. Em suas últimas pesquisas, envolveu-se com estudos biográficos. Atuou profissionalmente em instituições de acervo e envolveu-se voluntariamente em discussões sobre políticas públicas voltadas ao patrimônio. Tem larga experiência em organização de eventos acadêmicos. Trabalha no Arquivo Público do Estado de São Paulo desde 2007, onde dirigiu, durante 6 anos, as atividades e a equipe de difusão do acervo. Atualmente, trabalha em atividades de auxílio e orientação dos pesquisadores que frequentam a instituição. Tem experiência em coordenação de equipes. E-mail: haikesilva@gmail.com.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

1874 foi marcado, na história do Rio Grande do Sul, pelo Movimento Mucker. Fenômeno analisado no conjunto dos movimentos messiânicos no Brasil, este caracterizou-se por uma reunião de famílias ao redor de um curandeiro e das pregações bíblicas de sua mulher. João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer foram os principais protagonistas desta história ocorrida aos pés do morro Ferrabraz, no atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul. Esta região era ocupada por famílias de origem imigrante, grande parte pertencente à segunda geração de alemães vindos ao Brasil. Carentes de tratamento médico qualificado, muitos procuravam a cura para suas doenças nas pomadas e unguentos preparados por João Jorge. No decorrer dos anos, aliou-se a esta demanda a busca por consolo religioso, encontrado nas pregações bíblicas de Jacobina e na crença de que esta representava o espírito divino. Como movimento messiânico, produziu-se uma expectativa coletiva da proximidade do fim do mundo e da redenção dos fracos e oprimidos, grupo eleito do qual acreditavam fazer parte. Na medida em que se constituíam como grupo fechado, angariavam adeptos, produziam auto-suficiência, contestavam a ordem social e colidiam com as instituições estabelecidas, o que levou ao confronto direto e armado.

Formado a partir de 1868, o grupo Mucker só chamou a atenção das autoridades em 1873. Foi proibido de se reunir e começou a ser rechaçado pelos seus opositores. Preparou resistência e revanche aos insultos que recebiam, resultando enfim numa revolta que matou seus líderes e muitos adeptos, levou outros tantos à cadeia e marcou profundamente a memória dos habitantes da região do conflito. O Ferrabraz passa a ser sinônimo de Mucker; os sobreviventes do grupo representavam a sobrevivência do fanatismo religioso; os nomes dos líderes, sobretudo o de Jacobina, ficaram marcados e condenados.

Excessos de parte a parte caracterizaram os eventos ocorridos no Ferrabraz. Excessos também caracterizaram os discursos publicados sobre os Mucker desde os primórdios da contenda, com consequências mais para a memória preservada do que para a o desfecho do conflito. É com paixão,

arrebatamento, ardor e emoção que os relatos são escritos, situação que se replicou nas primeiras narrativas historiográficas sobre o movimento. Comprometidos com diferentes ideais, os redatores, escritores e editores digladiaram pela verdade que criam conhecer, exaltando ânimos, propagando juízos, julgando culpados, antecipando vereditos. E nessa luta de representações², o foco principal era voltado aos líderes do movimento, resultando na construção de uma narrativa mítica e na mitificação dos personagens.³ O conflito armado entre as forças do exército e a resistência dos colonos é amplificado pela verve das narrativas, pelo vigor das palavras tanto na imprensa do período como na historiografia que o seguiu. Neste artigo, será analisada a paixão do discurso de Karl von Koseritz, o primeiro narrador do episódio do Ferrabraz, o “empreiteiro” responsável pela construção das “fundações” do mito Jacobina Maurer. O que Koseritz escreve é a base da memória do Movimento Mucker, fonte da qual os demais discursos irão beber.

A história do movimento Mucker e de seus personagens já começa a ser escrita em 1873, quando o que ocorria no Ferrabraz era relatado nos jornais de circulação regional. Dos diversos órgãos da imprensa existentes, chamo a atenção a quatro títulos em especial: *Deutsche Zeitung*, *Deutsches Volksblatt*, *Der Bote* e o *Rio-Grandense*. O primeiro deles – *Deutsche Zeitung* – tinha Karl von Koseritz como redator, que escrevia em alemão para seu grupo étnico, da cidade e da colônia. Koseritz também trabalhava como

² CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990, p.16. (Coleção Memória e Sociedade)

³ Segundo Portelli (p.121), “um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual”; que vozes são silenciadas e quais se preservam. PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (org.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 103-130.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

redator do jornal Rio-Grandense, no qual escreveu sobre o episódio Mucker para um público etnicamente diferenciado. O *Deutsches Volksblatt* seguia orientações religiosas e era voltado aos alemães católicos. Já o *Der Bote* atendia ao público protestante. Estes dois eram, portanto, órgãos de imprensa de padres e pastores. Todos divergiam em muitos aspectos no que tange à temática em estudo, sobretudo na explicação das causas do surgimento do grupo Mucker; mas concordavam na condenação das práticas e dos personagens que participaram do episódio. Não era raro ver os jornais produzidos em Porto Alegre – *Deutsche Zeitung*, *Deutsches Volksblatt* e *Riograndense* – reproduzirem simplesmente as informações publicadas no *Der Bote*, de São Leopoldo. Apesar de terem seus correspondentes no interior, os jornais de Porto Alegre utilizavam-se do *Der Bote* como fonte já que este, por ser da região do conflito, tinha acesso mais imediato aos acontecimentos. Nesta pesquisa, analiso apenas o *Deutsche Zeitung* e O Rio Grandense por serem os únicos acessíveis; por terem como redator o jornalista Karl Von Koseritz, e por sua amplitude de alcance, já que o *Deutsche Zeitung* era lido pelos de etnia alemã de qualquer confissão religiosa e O Rio-Grandense — órgão oficial do Partido Conservador — atingia aos nacionais.

Koseritz era um jornalista influente nos círculos políticos da capital gaúcha; intelectual germanista e de tendência liberal, o que transparece claramente em seu texto, principalmente nos ataques ao que considera “obscurantismo promovido pela religião”. O envolvimento deste jornalista com a produção da memória do episódio Mucker ultrapassou o relato dos acontecimentos dia-a-dia, entre 1873 e 1874, resultando numa síntese publicada no final de 1874 no almanaque – *Koseritz Deutscher Volkskalender*. O conjunto de suas ideias a respeito dos Mucker, sobretudo a síntese que produziu depois de retomar os fatos ocorridos, influenciou sobremaneira o que foi dito e escrito nos anos que se seguiram, marcando a memória oficial sobre o evento. Assim, foi um dos grandes construtores do mito sobre o conflito Mucker e do mito Jacobina.

Desde os primeiros artigos a respeito, Koseritz trata o movimento Mucker como um “embuste”⁴. O episódio é amplamente coberto pela folha alemã desde maio de 1873.⁵ Antes disso, em 1872, nada a respeito havia sido noticiado pelo *Deutsche Zeitung*, mesmo que as reuniões e curas já acontecessem desde meados de 1868. Os primeiros a veicularem e criticarem o que ocorria no Ferrabraz foram os jesuítas do *Volksblatt*, o que foi visto com desconfiança por Koseritz. Na sua ferrenha luta contra o catolicismo romanizado, Koseritz suspeita dos relatos e avaliações de seus oponentes, dizendo que “loucura religiosa não é raridade nas nossas colônias, ainda mais lá onde os jesuítas exercitam sua influência”⁶. Certo de que os jesuítas eram os grandes vilões da história, Koseritz disserta longamente sobre a mania destes de fomentar a superstição e o profetismo.⁷

Algum tempo depois, contudo, o discurso volta-se diretamente à questão do grupo que se constituía debaixo de seus olhos. Aí é o correspondente do jornal lotado em São Leopoldo que relata o que ouvira de outros habitantes da redondeza:

No último domingo, assim conta-se por aqui, aconteceu uma grande reunião junto ao Doutor Milagreiro na assim chamada ‘Fazenda do Leão’, onde congregaram-se, segundo alguns, 200 pessoas e, segundo outros, 500 pessoas de diversos credos... Se a polícia não tomar providências, coisas terríveis podem acontecer no futuro. Alguns dizem que o coroaram Salvador e que nesta oportunidade escolheu 12 apóstolos dentre seus adeptos. Outros dizem que sua mulher se diz ser a Salvadora; ela pronuncia isto enquanto está caída em sono magnético, então profetiza o fim do mundo e todo tipo possível e impossível de absurdos, que só mesmo Deus sabe. Na sexta-feira passada era para ter acontecido o fim do mundo, mas como isso não aconteceu ela marcou a data para Pentecostes. Os adeptos dele e os dela parece que estão, já

⁴ No *Deutsche Zeitung* de 28 de maio de 1873, Maurer já é denominado de “Embusteiro”, ou melhor, “Embusteiro Maravilhoso” — Wunderschwindler — em alusão ao seu apelido entre os adeptos de doutor Maravilhoso — Wunderdoktor. De outra parte, esta expressão, na pena de um ilustrado, vem a indicar a ideia de charlatanismo, já que, para este, maravilhas ou milagres eram inconcebíveis. Portanto, Doktorschwindler, Wunderschwindler ou Wunderdoktor tem também a conotação de “aquele que faz pretensos milagres”.

⁵ Foram encontradas 37 referências aos Mucker nas edições de 1873 e 85 nas edições de 1874.

⁶ *Deutsche Zeitung*, 29 jan. 1873. Trad. João Guilherme Biehl.

⁷ *Deutsche Zeitung*, 5 fev. 1873.

há algum tempo, preparando uma arca a *la* Noé; matam bois e porcos, os salgam, para que, assim que a história for adiante, possam ser fritos. De tempos em tempos o Doutor Milagreiro sobe o Ferrabraz, uma montanha das redondezas (provavelmente porque o Sinai está muito longe para ele), aonde – assim como um segundo Moisés – conversa com Deus em pessoa. Ele pediu a seus adeptos que não fossem a qualquer igreja, protestante ou católica; que não dançassem no domingo e não jogassem cartas.⁸

Inicia-se, assim, a leitura mítica do movimento Mucker, baseada no “conta-se aqui”. O que o jornal reproduz é o que ouviu falar que acontece no Ferrabraz. Em meio à descrição dos atos e rotinas do grupo de “mauristas”, o redator emite juízos quanto à insanidade da religião profetizada. Tanto os correspondentes locais do jornal de Koseritz quanto os redatores dos órgãos da imprensa religiosa passaram a atacar o grupo Mucker e incitar a oposição a este. Em doses pequenas, mas mortíferas, a imprensa vai construindo o imaginário sobre o movimento.

João Jorge é o profeta, pois anuncia calamidades e redenção aos que o seguem. Jacobina é a mulher que se diz Cristo, que se afirma inspirada pelo Espírito Divino. Koseritz e seus correspondentes acusam o casal Maurer, sobretudo João Jorge, de manipularem as mentes dos colonos tomados pela ignorância. A 28 de maio de 1873, Koseritz relata o ritual — tantas vezes reproduzido até hoje — da “ascensão” de Jacobina no domingo de Pentecostes como parte de um jogo de manipulação. Acusados de charlatanismo, Jorge Maurer e Jacobina vão, pouco a pouco, sendo estigmatizados.

Na mesma linha do “diz ter ouvido”, o correspondente do *Deutsche Zeitung* revela que Jacobina teria se autodenominado “o Cristo”: “Cristo ainda vaga sobre a terra, Cristo está à vossa frente, eu mesma o sou”⁹. Mas o líder do embuste parece ser ainda outro: João Jorge Klein aparece como o que “dirige a comédia que pode, facilmente, transformar-se em tragédia”.¹⁰ Mais para o final do ano de 1873, o pseudônimo X.Y.Z. transforma-se no

⁸ *Deutsche Zeitung*, 10 maio. 1873. Trad. João Guilherme Biehl.

⁹ *Deutsche Zeitung*, 21 mai. 1873. Trad. João Guilherme Biehl.

¹⁰ *Deutsche Zeitung*, 3 dez. 1873. Trad. João Guilherme Biehl.

porta-voz de Koseritz, que demoniza as ações da seita. Esta seria comunista; tinha o intuito de esmagar as cabeças das crianças; preparava uma revolução. Como diz Biehl (1991, p.183), os adeptos de Maurer adquirem traços monstruosos, guiados pelas profecias da “puta babilônica”:

As ações desta seita são perniciosas e o governo precisa reprimi-la com todos os meios possíveis. Suas ações são imorais, pois exercitam o comunismo em diversas formas, estendendo-o até sobre o casamento. . . Os atos desta seita são imorais, pois ensinam que “Somente será bom quando chegar a idade de ouro, quando os rebentos forem pegos pelos pés e suas cabeças batidas contra as paredes”... As ações desta seita são perigosas para a comunidade, pois ensinam que “quem não pertence à seita pode ser contado entre os mortos”; e é possível atirar contra quantos destes se quiser, e não tem a pessoa mais pecados do que se tivesse atirado contra muitos animais ... As ações desta seita são perigosas para o estado, pois preparam a revolução e desprezam as leis; estão armados até os dentes... Elas têm base suficiente para tornar esta sociedade inativa... Fosse a motivação de natureza somente religiosa, e houvesse somente um pouco de bom senso, então dever-se-ia deixar isso ser levado adiante; a história ensina que repressões ao invés de acabarem com seitas religiosas as multiplicam... A história ensina também, especificamente a estatística criminal, quantos estragos a loucura religiosa ocasiona. A forma pura desta associação é tão insensata e sem sentido como o todo seu agir; não merecem, pois, nenhum direito. (...) Eles adoram uma mulher como Cristo que (tiremos então seu papel da Bíblia) deveria ser denominada, com muito mais razão, de puta babilônica. Para este bando só resta o asilo na penitenciária ou no manicômio. (...) Eles são fiéis a todos os atos ruins; operam sobre a sociedade como veneno de morte que destrói o organismo humano. (...) Se o governo não libertar a sociedade deste monstro, os moradores das colônias – para segurança pessoal – farão a justiça do linchamento; e mortes serão daí decorrentes.¹¹

A cada expressão utilizada, o discurso do *Deutsche Zeitung* visa desacreditar o grupo Mucker, mostrar as más intenções dos líderes da seita, caracterizar as ações e comportamentos de Jacobina como ações pensadas, milimetricamente planejadas. A cobertura do episódio Mucker por este jornal mantém-se, de início ao fim, sob a noção do embuste, da seita

¹¹ *Deutsche Zeitung*, 10 dez. 1973. Trad. João Guilherme Biehl

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

construída sobre a mentira, sobre a falsidade. Assim, quem participa dela ou é embusteiro ou muito ignorante. O discurso do *Deutsche Zeitung*, construído em doses pequenas, mais freqüentes quanto mais se aproximava o desfecho dos acontecimentos, pode ser considerado como a primeira narrativa de grande alcance sobre o movimento Mucker e seus personagens.

Ao final da tragédia, a visão passa a ser retrospectiva sobre os fatos. Aí Koseritz empenha-se em produzir uma narrativa sintética repleta de adjetivações e juízos, como um veredicto. Os fatos assumem coerência em sua explicação e status de verdade na reprodução dos juízos. A história contada e justificada por Koseritz passa a ser reproduzida pelos narradores posteriores, com variações dentro dos limites que lhes são impostos ideologicamente. “A fraude Mucker na colônia alemã”, de Karl von Koseritz, é a primeira narrativa global do episódio, escrita no mesmo ano da tragédia e publicada no almanaque *Koseritz Kalender* para o ano de 1875.

Ao escrever sobre a tragédia Mucker no ano do 50º jubileu da colonização alemã na província do Rio Grande do Sul, Koseritz dramatiza o choque que estes acontecimentos traziam para a cultura produzida pelos alemães nesta terra. O mito do pioneirismo/superioridade cultural/ trabalho alemão era maculado por um novo mito: o dos “bárbaros assassinos [que] arremessavam o brandão em pacíficas vivendas, massacravam mulheres e carneavam crianças, como se nos encontrássemos na Idade Média, em meio aos horrores da guerra camponesa”¹². O próprio autor considera seu artigo “contribuição verdadeiramente desalentadora para a história cultural da germanidade daqui, pois registra fatos que se deveria considerar absolutamente impossíveis de acontecer em nosso século e em meio a uma população exclusivamente de descendência alemã”¹³. A leitura de Koseritz é

¹² Der Muckerschwindel auf der deutschen Colonie. Ein Beitrag zur Culturgeschichte des hiesigen Deutschtums v. C. v. Koseritz (A fraude Mucker na colônia alemã. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui por C.v.Koseritz), *Koseritz Kalender 1875*, p.119-144. Trad. Martin Norberto Dreher

¹³ Ibidem.

a da luta entre a barbárie e a cultura — ou melhor —, do renascimento da barbárie onde só deveria haver cultura.

Apesar de todo o progresso e sucessos obtidos pela colonização — propiciados pelo que considerava força produtiva intrínseca ao povo ou à cultura alemã — “a falta de boa instrução para o povo das colônias e o sistemático entontecimento dos moradores das mesmas por meio de credices e da crença em milagres, difundidas por sacerdotes fanáticos de ambas as confissões” provocavam a inversão dos valores da “natureza” do povo alemão. A ideia de cultura como natureza do povo etnicamente constituído — e não como acúmulo de saber e civilidade — é que embasa este pensamento, permitindo que mesmo um povo de grande cultura se mantenha na ignorância. Ao culpar a falta de instrução (educação escolar e pública) e a difusão de credices pelos acontecimentos do Ferrabraz, Koseritz acusa o Estado brasileiro — de tendência conservadora — pelo não cumprimento das obrigações para com seus súditos e a danosa influência da religião sobre a população, sobretudo dos jesuítas — “a agourenta Ordem de Jesus”. O influxo destes padres sobre as mentes desta população pouco ilustrada produziu “medo do inferno e do diabo, crença em toda a espécie de milagres e absurdos”, além de “subordinação cega às ordens do clero”¹⁴. Embora seja voraz na acusação aos jesuítas, Koseritz faz a ressalva: “Não se creia, contudo, que culpamos exclusivamente os jesuítas; parte tão grande, se não maior, da culpa recai sobre os ditos pastores ortodoxos evangélicos, que estão sendo importados há mais tempo”. O problema maior que via nestes era o da liberdade de leitura da Bíblia propagada pelo luteranismo, que incitaria às mais estapafúrdias interpretações. A conjugação destes fatores teria, segundo Koseritz, preparado o terreno para o surgimento de uma seita religiosa à parte, liderada por Jacobina Maurer.

Ao construir uma narrativa mais enxuta, um texto único para todo o episódio — “uma visão panorâmica”, como afirma Koseritz — este se utiliza não só das informações recebidas e dos juízos emitidos de forma parcelada

¹⁴ Ibidem.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

da cobertura feita pelo *Deutsche Zeitung*. Ao escrever “A fraude Mucker na colônia alemã”, Koseritz vale-se do conhecimento retrospectivo, do distanciamento — mesmo que mínimo — do evento ocorrido. Este é um texto escrito num só fôlego, coerente de início ao fim.

Segundo seu julgamento, o embuste Mucker era uma seita religiosa com traços macabros, em que não era permitido sair depois de aderir a ela; crianças eram sacrificadas; havia comunismo de mulheres e troca de casais; os adeptos andavam armados “até os dentes” e construía uma “fortaleza” nas terras de Maurer. A ideia de imoralidade da seita ficou marcada, sobretudo, na figura de Jacobina. E Koseritz não trata este assunto como suposição. Confirma como “fato”, como “verdade”, os “excessos sensuais”, sem, em momento algum, desconfiar ou duvidar do “dito”. Tudo o que escreveu o fez sobre “o que ouviu dizer”, sem mesmo ter tido acesso aos autos do processo, o que é reconhecido por ele ao informar que, no ano seguinte, “apresentaremos uma exposição de todos os acontecimentos, de acordo com os autos que ainda não estavam a nossa disposição para este ano”.

Pela força de suas palavras, não havia necessidade de processo ou julgamento. Os Mucker estavam condenados a pagar pelos crimes cometidos ou a pagar pela história tão veementemente contada. Assim, não conseguiram se livrar do estigma de assassinos que os atos e as representações — às vezes exageradas — lhes impingiam. Koseritz afirmava:

Divididos em pequenos grupos, os Mucker lançaram-se sobre as propriedades nomeadas por Jacobina, incendiaram-nas e assassinaram todos os moradores que não conseguiram fugir. Crianças de colo foram estranguladas no colo das mães e elas próprias foram, posteriormente, fuziladas; jovens meninas, como as filhas do velho Balzer, foram mortas de maneira bestial, seus corpos foram abusados e mutilados; anciões foram carneados em suas camas, mulheres e crianças foram mortas a sangue frio.¹⁵

¹⁵ Ibidem.

No campo das representações sobre Jacobina, Koseritz é voraz na caracterização da personagem. Recorre várias vezes à expressão depreciativa “mulherzinha”, apesar de deixar transparecer a posição de liderança desta mulher no grupo. Permite a Jacobina um diagnóstico mais objetivo dentro da linguagem médica, prescrevendo sua condição como de “histeria” e “sobreexcitação nervosa ligada a sintomas de sonambulismo”. Ao mesmo tempo, rasga acusações de cunho moral ao denunciar a “natureza desmesuradamente sensual que degenerou em ninfomania formal”, além de considerá-la “mulher desalmada”, pois “degolara sua própria criança, de apenas alguns meses de vida, e a metera debaixo da terra nas proximidades do leito, no qual dormia com Rudolf Sehn!!”, seu amante. Apesar de tratá-la como libertina e cruel, Koseritz reconhece a liderança de Jacobina, na medida em que, mesmo que depreciativamente, chama-a de “profetiza”, ou seja, aquela que prediz, aquela que indica o caminho. Do ponto de vista masculino do observador, uma mulher com tal posição de mando e autoridade desvirtuaria sua natureza feminina num contexto de rígida separação de papéis sexuais. A extrema sensualização das atitudes e a negação da maternidade como valor central da vida são efeitos imediatamente relacionados.

Koseritz consolida uma imagem da figura de Jacobina Maurer daí para frente muito propagada. As narrativas posteriores reproduzirão, de forma mais ou menos contundente, esta interpretação. No ensejo de confirmar as representações ou de contestá-las, os diversos discursos produzidos a posteriori sempre retornam a esta matriz.

Leitura semelhante dos fatos pode ser encontrada no jornal O Rio-Grandense, também redigido por Karl von Koseritz. Neste órgão da imprensa, Koseritz responsabiliza-se pelo relato oficial dos fatos ocorridos no dia-a-dia dos embates finais, pelos detalhes das batalhas que recebe de seu correspondente em São Leopoldo e por uma crônica em capítulos que busca contar a trajetória do movimento Mucker. Nas edições do jornal a que tive acesso, constam os capítulos 6, 7, 8, 9, 11, 12 e 14 da crônica intitulada

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

“João Jorge Maurer e seus adeptos”, sobre os quais comento resumidamente a seguir.

No capítulo VI, de 16 de julho de 1873, Koseritz assume como “possibilidade” a sua versão da história, ao dizer que “hoje se pode falar com mais ou menos exatidão o que se passara naquela primeira reunião”. Esta hesitação, no entanto, não aparece mais nos seus escritos, mantendo um tom de verdade no relato, justificando sempre as ações das autoridades oficiais. O redator julga que havia um

supersticioso terror que se amparara do espírito dos adeptos de Jacobina Maurer, que julgavam esta efetivamente inspirada por Deus, fazia com que todos obedecessem à sua ordem, guardando o maior sigilo sobre aquelas ocorrências, assim como sobre as reais tendências da seita, seus pontos de doutrina e usos e costumes.¹⁶

Diz que Jacobina “ameaçava os seus adeptos com os mais horríveis castigos do céu, e os apóstolos reforçavam essas ameaças com outras de ordem mais positiva, como fosse o extermínio a ferro e fogo de todos aqueles que não guardassem o mais profundo sigilo”. Considera Maurer o mentor das ideias de “comunismos de bens e total desorganização de todos os laços da família e da moralidade”, com o que introduz uma afirmação ainda mais contundente, de que “dava-se no seio da seita mais escandalosa prostituição”. Termina o capítulo com as providências tomadas pelo governo da província.¹⁷

No capítulo VII, Koseritz fala sobre a primeira intervenção da autoridade policial sobre os Maurer, frisando os limites que a lei lhes impunha enquanto não se encontrassem provas do perigo que a seita ou seus dirigentes representavam para a sociedade. Relata então a ida de João Jorge e alguns de seus adeptos a São Leopoldo para interrogatório — “sem hesitação nem resistência”; reproduz algumas de suas declarações, pelas quais julgou que estes mostravam “grande habilidade em darem caráter inocente a seus planos”, “não deixando margem à autoridade para

¹⁶ *O Rio-Grandense*, 16 jul. 1873.

¹⁷ *Idem*.

incriminá-los em coisa alguma”. Relata a vinda de Jacobina à presença do chefe de polícia sobre carroça em “sono letárgico”; o cortejo de adeptos que a seguiu; a imobilidade de seu corpo por diversas horas; os diversos meios de tentar acordá-la; o sucesso obtido pelos adeptos ao entoar cânticos religiosos; o processo que se seguira imediatamente após Jacobina acordar — contado em detalhes como se o redator lá estivesse. Embora tivesse cuidado de não determinar o estado de “sono letárgico” de Jacobina como “fingido ou real” — já que nem a autoridade médica o havia feito —, o redator é enfático ao afirmar que “daí a pouco animava-se a sua fisionomia e ela dizia em voz entrecortada, fingindo êxtase”. Neste ponto, considera então a história da Jacobina e João Jorge uma “comédia ridícula” que não parecia encerrar “perigos, nem ameaças à ordem pública”; e acreditava-se que “o ridículo mataria o movimento”. Termina o capítulo ressaltando mais uma vez a impossibilidade das autoridades de agirem com mais rigor em vista das limitações que a lei lhes impunha naquela situação, justificando assim a falta de “culpa do governo e de seus agentes que na legislação não tinham meio nenhum para irem mais longe”.¹⁸

Em 18 de julho, é publicado o relatório da sindicância feita pelo chefe de polícia. Alguns capítulos depois, Koseritz vem revelar o que disseram Jacobina Maurer, Carlos Einsfeld, João Nicolau Fuchs e Augusto Wilborn em interrogatório do chefe de polícia, concluindo, pelos depoimentos, “estupidez e monomania religiosa, mas não princípios perigosos para a ordem pública”. Julga essa “incompreensível cegueira” e ignorância dos adeptos como resultado do “misticismo e cega fé em milagres e coisas sobrenaturais que fanáticos sacerdotes de ambas as confissões tem incutido no espírito da população de nossas colônias”. Assim, “Maurer, o charlatão por excelência, apenas aproveitou o trabalho feito pelos jesuítas de ambas as confissões: estes tinham roteado a terra e deitado a semente; aquele tratou de colher os frutos”. Neste capítulo, Koseritz não mede as palavras

¹⁸ *O Rio-Grandense*, s.d.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

para criticar as Igrejas institucionalizadas, sobretudo os jesuítas, como propagadores do obscurantismo religioso.¹⁹

No capítulo XI, o redator chega “ao momento em que a burlesca comédia começou a transformar-se em drama, devendo mais tarde assumir as proporções de aterradora tragédia”. Reproduz um artigo publicado em fins de junho de 1873 nos jornais *Der Bote* e *Deutsche Zeitung* “por um inteligente professor público que pessoalmente visitara a casa [de Maurer]”.²⁰ No seguinte, relata as profecias de fim de mundo prenunciadas por Jacobina e os coincidentes fenômenos naturais que ocorreram, fortalecendo a seita. Relata também “o primeiro ato de barbarismo praticado por um adepto de Maurer” – a morte de uma menina de 13 anos, filha de um adepto, supostamente “suicida”; o enterro de Nicolau Fuchs em sua roça.²¹

No capítulo XIV, último a que tive acesso, Koseritz conta sobre o atentado ao inspetor Lehn praticado por adeptos de Maurer. Lehn é o observador e o delator das atividades dos Mucker. É de Lehn que advêm as informações sobre “certas particularidades, como a existência de moças solteiras, em estado interessante, em casa de Maurer; a prática do comunismo, quer em relação aos bens, quer em relação às mulheres, etc”. Como resultado destes atos, as autoridades tiveram que tomar providências, prendendo, inicialmente, alguns suspeitos, soltando-os logo depois.

Mesmo não tendo acesso à crônica completa, é possível arriscar uma interpretação do seu sentido. Enquanto as autoridades oficiais agiam no sentido de enviar tropas do exército para a luta no Ferrabraz, o redator do Rio-Grandense buscava reconstruir o palco no qual surgiram as condições e necessidades para a ação do Estado. Koseritz reproduz boatos, reedita relatos, publica documentos e, em conseqüência, cria uma história que se reproduzirá em diversos discursos posteriores. A especificidade desta narrativa no Rio-Grandense parece ser a constante referência à prudência

¹⁹ *O Rio-Grandense*, 24 jul. 1874.

²⁰ *O Rio-Grandense*, 26 jul. 1874.

²¹ *O Rio-Grandense*, 28 jul. 1874.

das autoridades, à falta de ação por culpa das amarras legais, enfim, a justificativa das ações do poder do Estado.

Embora fosse um liberal, Koseritz foi o redator do jornal conservador no período em estudo (1873-1874), o que se explica por seu envolvimento no jogo político de então de dissidências no seio do Partido Conservador. Para entender o que um liberal fazia na redação do órgão oficial do Partido Conservador, é preciso adentrar na questão da existência de uma dissidência conservadora, da qual faziam parte o Presidente da Província — João Pedro Carvalho de Moraes — e Karl von Koseritz. As posições do Rio-Grandense, neste caso, não eram unânimes dentro do Partido Conservador, como o próprio redator expressa: “A parte todos esses bombásticos elogios à situação conservadora, devemos apenas lembrar mais uma vez, que nem todos os conservadores pensam da forma porque o faz o Rio-Grandense”.²² Esta união entre o Presidente da Província e Karl von Koseritz — ou a intromissão do liberal no Partido Conservador — era completamente repudiada pelos opositores representados pelo jornal *A Reforma* — órgão do Partido Liberal —, criticando o “grau de aviltamento a que baixou a administração nesta província, entregue às mãos e arbítrio de João Pedro Carvalho de Moraes e Koseritz!”²³, ou recriminando a postura deste último.

Como órgão oficial do Partido Conservador, o Rio-Grandense visava, além de informar, também polemizar e debater política com seus opositores. Toda e qualquer questão servia para acirrar o debate, tanto mais quanto mais crítica e polêmica a questão fosse. Assim também o foi em relação à seita de Maurer. Não tive acesso a exemplares do jornal anteriores a 1874, o que me impede de afirmar a respeito do interesse que os Mucker levantaram antes desse ano. Mas nesse período é certo que este movimento serviu de estopim para acirrar a luta entre conservadores e liberais na Província do Rio Grande do Sul.

²² *O Rio Grandense*, 17 jul. 1873.

²³ *A Reforma*, 24 jul. 1873.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Na oposição, a Reforma se utilizou dos Mucker para fragilizar seu opositor, criticando ações ou posições veiculadas pelo jornal do oponente. Este jornal pouco se preocupou em relatar os acontecimentos no *front*, mas deu especial atenção para os enganos do relato oficial e para a crítica às ações do governo provincial nesta batalha. Assim, acusa este governo pela sua inércia, que, “acordando-se então a administração do seu criminoso letargo, tomou as desastradas medidas, que deram em resultado a derrota das nossas forças”.

Em resposta às acusações de “falso testemunho”, o redator do Rio-Grandense reconhece a fonte de suas informações, a fonte da construção de seus relatos: os boatos, e que neles “todos acreditavam”. Tenta redimir o Presidente da Província da culpa pela reprodução dos boatos, assumindo-a — nas entrelinhas — uma vez que era ele o redator, logo o reproduzidor dos relatos.

Embora fosse adepto do pensamento racionalista e pregasse mais “ilustração” na interpretação dos fatos, Koseritz utilizou-se de relatos irracionais, constituídos sobre o que se cria acontecer no Ferrabraz. Valeu-se do “dito”, muitas vezes aumentado em relação ao acontecido. Ao mesmo tempo em que tenta dar racionalidade aos ritos desenvolvidos na seita, mostrando como eles eram cuidadosamente montados, não coloca resistência às afirmações que lhe são feitas a respeito de outras práticas — como o comunismo sexual ou o infanticídio. Critica a credence dos adeptos dos Maurer, mas crê no que dizem os seus adversários. Koseritz não relativiza as informações que justificam sua oposição ao movimento Mucker. Tenta desmontar o mito de santidade e verdade interno a seita, construindo outro mito sobre as más intenções do grupo, sobretudo de seus líderes. Produz, para isso, um relato apaixonado típico do jornalismo engajado da época.

* * *

Nas narrativas posteriores ao episódio, é mantida, em grande parte, a estratégia de se beber da fonte do que foi “dito” sobre os Mucker, sobre suas ações e seus personagens. O dito, sobretudo vindo para corroborar suspeitas ou conceitos pré-estabelecidos, assume um caráter de verdade incontestável. É essencial nesse sentido a narrativa de Ambrósio Schupp.²⁴ O único que contesta o dito é Leopoldo Petry²⁵, mas para isso usa de argumentos como a improbabilidade, a tradição cultural, a experiência própria do autor junto aos colonos alemães, assumindo sua memória pessoal como artifício de verdade.

Para saber o que diziam os colonos — entendidos aqui como os habitantes da região de São Leopoldo que se colocaram contrários aos Mucker —, as obras de Schupp e de Petry fornecem pistas quando afirmam que seus relatos são construídos sobre “o que dizem por aí”. O trabalho feito por Maria Amélia Schmidt Dickie²⁶ fornece outras pistas, na medida em que faz surgir as falas destes colonos nos processos crime contra participantes da seita. A autora faz a ressalva de que o que é falado e registrado no processo é resposta a uma inquirição policial ou judicial; logo, um testemunho que tem como objetivo relatar o que se viu ou ouviu numa situação de disputa entre verdades.

A própria coleta de evidências, de depoimentos, feita pelas autoridades policiais demonstra a pressa em encontrar a culpa. Para isso, um pequeno número de testemunhas escolhidas com cuidado e uma inquirição superficial e dirigida à denúncia eram o suficiente para produzir as primeiras afirmações do perigo e assim incriminar os Mucker. Entre os acusadores, muitos deles jamais presentes nas reuniões, o tom da acusação

²⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Mucker: episódio histórico da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. 3ª ed., Porto Alegre: Selbach, s.d. A referida obra já teve 3 edições na Alemanha e 6 no Brasil, sendo a última produzida pelo Senado Federal em 2004.

²⁵ PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os Mucker*. 2ª ed., São Leopoldo: Rotermund, 1966.

²⁶ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *A. S. Afetos e circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 1996.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

é o de “Jacobina teria dito” ou “teria feito”. O documento policial também fora influenciado pelo boato e dirigido pelos opositores para a condenação.

Mesmo depois do surgimento de trabalhos de fôlego, de pesquisas acadêmicas balizadas por pressupostos teóricos e farta análise de documentos, o mito Jacobina Maurer se propaga. O trabalho de Moacir Domingues²⁷ representa um avanço na análise do material documental sobre o movimento Mucker. O de Janaína Amado²⁸, um progresso analítico nas condições de produção do conflito social. Ambos se ocupam de uma Jacobina “sem exageros”.

Outros trabalhos, no entanto, com menor ou nenhuma preocupação com cientificidade ou veracidade, contribuíram para propagação de uma ideia mítica sobre Jacobina e os Mucker. Refiro-me aos textos ficcionais (analisados aqui com o auxílio do trabalho de Marinês Kunz²⁹). O livro Videiras de Cristal, de Luis Antônio de Assis Brasil³⁰, inova ao jogar diferentes pontos de vista ambivalentes sobre os personagens, apesar de induzir o leitor a questionar sobre a opinião negativa que havia sido construída a respeito de Jacobina. Alguns posicionamentos acabam sendo tomados no decorrer da narrativa, e Jacobina termina sua história como uma mulher adúltera, que matara sua filha – de acordo com o texto de Schupp. Embora a narrativa tenha sido construída com intensa pesquisa e importante material documental, a imaginação do escritor se sobressai na medida em que produz um romance e não um trabalho científico.

Imaginação corre solta também nas produções fílmicas sobre o episódio Mucker. A primeira, de Bodansky e Gauer (1978) é construída com diversos aspectos de realismo, desde a ambiência, a fala dos colonos, o trabalho na agricultura e os rituais de culto da tradição luterana de Jacobina. Procura-se este realismo na própria figura de Jacobina, representada com

²⁷ DOMINGUES, Moacir. *A nova face dos Mucker*. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

²⁸ AMADO, Janaína. *A revolta dos Mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

²⁹ KUNZ, Marinês. *Mosaico discursivo: Jacobina Maurer nos textos históricos, literários e fílmicos*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

³⁰ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

cabelos negros, de olhar penetrante, traduzindo firmeza e determinação. Como produção cinematográfica, o filme “Os Mucker – o massacre da seita do Ferrabrás” assemelha-se, em diversos momentos, a um documentário; não utiliza atores famosos, nem se aproveita de grandes recursos cinematográficos³¹ (Kunz, 2006, p.227). Consagrado pelo Festival de Cinema de Gramado, o filme busca “reabilitar os Mucker, apesar de figurativizar sua líder como adúltera”³², e preocupa-se com um relato dos fatos de modo mais próximo de uma suposta verdade. A imaginação permitida nas obras de ficção é mais controlada neste filme do que na segunda obra surgida anos depois.

“A Paixão de Jacobina”, de Luís Carlos e Lucy Barreto (2002), traz à cena uma história construída, sob muitos aspectos, com a imaginação. Longe de buscar o realismo, preocupa-se mais com o *glamour* fornecido por atores conhecidos do grande público através de suas participações nas novelas da Rede Globo: “peca quanto ao realismo da encenação, pois instaura um artificialismo que não convence o espectador que conhece o contexto”³³. O filme é construído sobre a ideia de ambigüidade, expressa, por exemplo, no próprio título — paixão como “sentimento levado a alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão”³⁴ e paixão como sofrimento em alusão à paixão de Cristo.³⁵ Ao buscar contar a “história de uma paranormal que incorpora Jesus Cristo através de trechos da bíblia”³⁶, os produtores assumem como fato o poder premonitório e mediunidade de Jacobina, numa leitura mística da personagem; além disso, constroem uma imagem ambígua dessa liderança: ora aparece como uma mulher angelical — estereotipada loira e de olhos azuis —, alienada do mundo em que vive; ora a mulher

³¹ KUNZ, Op.cit., 2005, p.227.

³² Ibidem, p.247.

³³ Ibidem, p.244.

³⁴ Ibidem, p.235.

³⁵ Pode-se ainda fazer outra leitura do uso da palavra “paixão”, associando-a ao sentimento de Jacobina por seu primo Franz (personagem que só aparece no filme), principalmente quando são associados título e capa ou cartaz do filme — Jacobina (Letícia Spiller) e Franz (Thiago Lacerda) abraçados em meio ao fogo.

³⁶ Como anunciado na introdução do filme.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

sensual que, dentro de sua roupagem angelical, extravasa sua sensualidade. Dentro desta estratégia da ambigüidade está também a renúncia dos “prazeres carnavais”, apesar da insinuação do adultério. Como informa Kunz,

Por se tratar de obra de ficção e, em vista disso, não ter qualquer compromisso com os dados históricos, o enunciator filmico busca representar Jacobina Maurer por meio do percurso isotópico da paixão, ao tratar a personagem histórica como uma representante de Jesus Cristo, conferindo-lhe uma aura mística. Aproveita, para esse fim, elementos da história, mas em uma leitura nova e, por vezes, inverossímil.³⁷

Embora se tratem de obras ficcionais, a recepção destas histórias nem sempre leva em conta a imaginação existente ou a liberdade das obras de ficção em imaginar. Assim, “o mundo ficcional, que é território do possível, pode tomar ares de verdade histórica”; “ficção pode ser lida pelo receptor como texto histórico sem que o autor — escritor ou cineasta — tenha pretendido tal resultado”.³⁸

* * *

O mito conseguiu facilmente sua propagação, na indefinição de verdades, na ampliação de traços, características e fatos sem a devida preocupação com a verossimilhança histórica. A agressividade e a paixão no discurso são tanto maiores quanto mais próximo do contexto — do tempo e do espaço — ou dos interesses em jogo, seja a preservação da política, da religião ou da cultura. A narrativa eloquente e persuasiva de Karl von Koseritz se perpetua no imaginário construído desde então, lugar em que a crítica pouco ultrapassa as paredes das universidades. A vivacidade do discurso, então, se expressa em seu caráter de intensidade — enérgico e ardente — e de duração — capaz de viver e se preservar por muito tempo.

O ímpeto discursivo na construção da narrativa Mucker e a revelação das paixões de diferentes lados do espectro político influenciaram na

³⁷ KUNZ, Op.cit., 2005, p.243-244.

³⁸ Ibidem, p.250.

Ímpeto discursivo na construção da narrativa Mucker

| Haike Roselane Kleber da Silva

atuação das autoridades de repressão do movimento de forma mais imediata. A longo prazo, o conjunto das ideias veiculadas no calor do conflito, assim como a síntese produzida por Koseritz de forma retrospectiva, inspirou sobremaneira o que foi dito e escrito nos anos seguintes, marcando de forma duradoura a memória oficial sobre os Mucker.

Recebido em 28.10.2015

Aprovado em 12.01.2016